

ECONOMIA

Pandemia impõe tempos difíceis ao setor de café

Segmento, que ainda passou por três geadas e seca, enfrenta falta de espaço nos navios

PALAVRA DO EDITOR

O setor do café, além da pandemia, sofreu os efeitos mais extremos do clima, com a expectativa de influenciar nos preços e nas colheitas da commodity inclusive do próximo ano.

NATHÁLIA DE ALCANTARA
DA REDAÇÃO

Mais feroz do que as três geadas já registradas neste inverno no Brasil e do que a atual falta de chuvas, a pandemia de covid-19 é descrita como o mais impactante acontecimento dos últimos anos no setor do café, avalia o classificador do produto Moacir Delfim Leite Soares. Segundo ele, ainda não há perspectiva de melhora da crise atual para quem trabalha com exportação.

Há 47 anos na área e manager da Unicafé, empresa cuja principal atividade é a exportação de café, ele diz que o momento atual é o pior que já viveu.

"Comecei aos 15 anos, e vi a geada de 1975, que destruiu a população cafeeira do Paraná, maior estado produtor de café na época. Foram muitos outros acontecimentos também. Mas o mais impactante da vida toda foi quando começou a pandemia", explica Moacir.

Ele lembra que o País não poderia parar de exportar café e os funcionários não teriam como atuar de casa, já que Moacir e sua equipe têm de ver e provar café diariamente.

"O começo da pandemia foi o pior momento que vivi e, por ela, vivemos hoje uma crise na área do café por falta de espaço em navios para exportar o produto", diz ele, completando que os fretes ficaram mais caros.

Moacir explica ainda que, apesar do momento atual ser ruim para os exportadores, não há previsão para que isso termine.

"É a primeira vez na história que, no mesmo inverno, tivemos três geadas, o que subiu o preço do café. Agora, temos ainda um período de seca. Tem sido um estresse para não deixar a peteca cair", afirma o classificador de café.

Em 2020, o Brasil teve



Preparo da bebida na cafeteria do Museu do Café: 6 milhões de profissionais vivem do setor, diz Soares



Soares, da Unicafé, começou no setor aos 15 anos na década de 1970

uma produção recorde de 70 milhões de sacas. Para este ano, a previsão é de 55 milhões.

"O café é sujeito a chuvas e trovoadas. Não basta ser um classificador ou exportador de café. É preciso entender mais de agricultura, meteorologista, ser um pouco engenheiro agrônomo. É preciso estar sempre ligado, a informação é tudo", diz o manager da Unicafé.

SANTOS

O Porto de Santos é responsável por 78% de toda a exportação de café do Brasil, explica Moacir. "O Brasil também é o principal produtor e exportador de café do mundo, além de se-

gundo maior consumidor, só atrás dos Estados Unidos. O País é responsável por 40% de tudo o que se fala de café no mundo e entre 5 milhões e 6 milhões vivem do café por aqui".

Aos 63 anos, quando lembra do que viveu na profissão, ele explica que algo não mudou: a classificação oficial de café segue a mesma no mundo todo. Mas, ao fazer uma previsão para o futuro da área, tem algo que jamais perderá sua essência, defende Moacir.

"O classificador de café nunca vai deixar de existir

PROFISSÃO

"O classificador de café nunca vai deixar de existir enquanto tiver uma saca de café rodando o mundo"

Moacir Delfim Leite Soares
Classificador de café e manager da Unicafé

enquanto tiver uma saca de café rodando o mundo".

CONSUMO

Para o manager da Unicafé, a bebida é um vício que abastece sua xícara de cinco a seis vezes por dia. "Tive problema de enxaqueca, principalmente nos finais de semana, por falta de café. Ele deve ser acompanhado sempre de perto", brinca ele.